

APRESENTAÇÃO

SEMIÓTICA DISCURSIVA: UNIDADE E DIVERSIDADE

DOI 10.70860/ufnt.entreletras.e19502

Alexandre Marcelo Bueno¹

Oriana de Nadai Fulaneti²

Este número da revista EntreLetras reúne pesquisas desenvolvidas no Grupo de Trabalho de Semiótica da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) durante o biênio 2022-2023. O GT de Semiótica da ANPOLL remonta à década de 1980 e, desde então, tem agrupado pesquisadores de diferentes Estados e regiões do país no intuito de refletir sobre as diretrizes da área, bem como sobre aspectos teóricos considerados relevantes pelo grupo.

A cada dois anos nos dedicamos a uma temática diferente, levando em consideração a conjuntura científica e sociopolítica de um modo geral, no intuito de promover o desenvolvimento da teoria em consonância com o momento histórico. Nesse sentido, já foram discutidas questões relativas ao plano da expressão, aos afetos, aos diálogos de interdisciplinaridade, entre outros. A temática do biênio 2022-2023, “Semiótica discursiva: unidade e diversidade”, traz reflexões a respeito dos rumos da teoria e de sua capacidade para se transformar. A semiótica discursiva, com a mão segura de Greimas, desenvolveu-se com uma aparente imagem de unidade, garantida pelo percurso gerativo do sentido e pelos seus ganhos analíticos. Contudo, antes mesmo do desaparecimento do mestre lituano, a semiótica já apresentava uma variedade teórica elaborada a partir de múltiplas vozes. Assim, surgiram desdobramentos teóricos propostos por membros do Grupo fundador comandado por Greimas, como a Semiótica das Práticas (Jacques Fontanille), a Semiótica Tensiva (Claude Zilberberg) e a Semiótica das Interações (Eric Landowski). Para além de autores franceses da primeira geração, pesquisadores de fora da Europa também têm desenvolvido propostas de

¹ Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH-USP, professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e-mail: alexandre.bueno@mackenzie.br / alexandrebuono@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0798-3615>.

² Doutora em Semiótica e Linguística Geral, professora Associada no Departamento de Letras e Linguística da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: od.fulaneti@uol.com.br, ORCID: orcid.org/0000-0001-5959-7292

desdobramentos teóricos, entre os quais podemos destacar, aqui no Brasil, Luiz Tatit e sua teoria sobre a Semiótica da Canção, José Luiz Fiorin e seus estudos sobre Enunciação Semiótica.

Tais ramificações nos levam a algumas indagações: a diversidade é uma ameaça à semiótica discursiva? O movimento é de afastamento/competição ou aproximação entre as vertentes? Os artigos aqui presentes consistem em uma excelente amostra que não apenas responde às questões anteriores, mas também mostra as adequações teórico-metodológicas que estão sendo implementadas para contemplar temáticas, objetos e abordagens contemporâneas.

A sequência dos textos foi pensada a partir de dois critérios – a esfera temática e o caráter mais teórico ou analítico. No artigo de abertura, “Semiótica, Fenomenologia e Hiperdialética”, José Américo Bezerra Saraiva (UFC) explora a noção de “Hiperdialética” do filósofo francês Merleau-Ponty tecendo um diálogo entre Semiótica e Fenomenologia. A partir da recuperação de diferentes compreensões da relação entre percepção e linguagem na fenomenologia, o autor atinge uma definição de *percepção* epistemologicamente adequada aos estudos semióticos, contribuindo, assim, para seu desenvolvimento teórico.

Também privilegiando a discussão teórica, Tiago Moreira Correa (Unesp), em seu artigo “Tempo e Repetição na Formação dos Símbolos”, manejando conceitos da Teoria Hjelmsleviana e da Semiótica Tensiva, procura mostrar o caráter enriquecedor e produtivo da inserção das noções de tempo e repetição para a compreensão de símbolos. Ao final, faz uso de símbolos como a suástica (nazismo) e a foice e o martelo (comunismo) para demonstrar que a repetição consolida a identidade e o valor simbólico.

Após esses dois textos com visada predominantemente teórica, são apresentados os artigos pertencentes à esfera das questões sociais atuais. Lucia Teixeira e Mariana Coutinho (UFF), em seu artigo “Redes Sociais, Algoritmos e Responsabilidade Social: questões de enunciação na era digital”, debruçam-se sobre as transformações enunciativas dos discursos produzidos na era digital, discutindo a importância dos algoritmos pelo poder que têm sobre os conteúdos da sociedade contemporânea. Tomando como base a semiótica greimasiana, as autoras propõem algumas (re)formulações teóricas que contemplem as interações atuais nas redes sociais, dentre as quais destacam-se a noção de protoenunciador. A discussão revela as potencialidades e o caráter operacional da semiótica discursiva perante os desafios que novos objetos impõem à teoria.

Ainda na esfera do digital e das redes sociais, César Inácio da Silva e Silva e Eliane Soares de Lima (UFF), no artigo “O Lance de Surpresa: lógica concessiva e acontecimento no

xadrez”, analisam uma partida virtual de xadrez, transmitida ao vivo no Youtube e na plataforma Twitch, na qual o brasileiro Luis Paulo Supi, 345º do mundo e o norueguês Magnus Carlsen, campeão mundial se enfrentam, que “viralizou” por um lance inesperado do enxadrista brasileiro. Os autores exploram a produtividade dos conceitos de Zilberberg, sobretudo o de acontecimento, para o exame da experiência sensível do jogador, considerando tanto as avaliações das jogadas quanto a reação somática do norueguês ao longo da partida. A análise mostra como o “lance de surpresa” efetuado pelo brasileiro atinge esteticamente o jogador norueguês e revela ainda a potencialidade da abordagem tensiva para a maior compreensão de “experiências e vivências do sujeito na sua relação com o entorno”.

Dando prosseguimento aos desafios que os novos objetos nos trazem, o artigo “Caminhar como uma Prática Semiótica: primeiros passos”, de Alexandre Marcelo Bueno (UPM), sugere o caminhar como uma prática semiótica. Para isso, Bueno recupera trabalhos consagrados de semioticistas acerca do espaço; realiza uma incursão em outras áreas do conhecimento, sobretudo os trabalhos do sociólogo De Certeau a respeito do caminhar e tece um diálogo com a Etnosemiótica, buscando depreender os elementos envolvidos na compreensão e classificação do sentido construído em torno do caminhar. Como resultado, o autor aponta elementos metodológicos baseados na semiótica discursiva que podem trazer grandes contribuições para o desenvolvimento de uma pesquisa envolvendo práticas semióticas no espaço público, como é o caso do caminhar.

Dois trabalhos voltam-se para discursos políticos. Beatriz Farias Mendes, Alão Aguiar, Gabriel de Souza Soares e Joel Levy da Silva Pereira (UFC), no artigo “De um Brasil Que Era Feliz E Sabia”: a persuasão e a construção de uma proposta de futuro” analisam um tweet publicado em trinta de julho de 2020 no perfil @LulaOficial. Fazendo uso da semiótica greimasiana e dos desdobramentos da semiótica plástica, a análise revela a estratégia de persuasão do enunciador a partir do sincretismo entre os planos da expressão verbal e visual, reforçando a importância da semiótica na percepção das mudanças que abarcam novos objetos, como textos digitais e novas estratégias de comunicação de massa.

Já Oriana Fulaneti (UFPB), em seu artigo “À direita, mas separados pelo Atlântico: análise semiótica dos discursos eleitorais de Jair Bolsonaro e Marine Le Pen”, analisa discursos proferidos em comícios pelos candidatos de extrema direita nas campanhas presidenciais de 2022 respectivamente do Brasil e da França. Tomando como base a teoria greimasiana e a perspectiva da Sociosemiótica de Eric Landowski, o texto mostra semelhanças nas estratégias

discursivas, como o maniqueísmo, a incitação ao ódio, uma manipulação baseada no ajustamento. Entre as diferenças, a autora conclui que Bolsonaro investe mais no ódio ao inimigo e na identificação com o próximo enquanto Le Pen aposta no efeito de sentido de moderação política e na ênfase ao amor à pátria.

Carla Andrea Schneider e Maria Luceli Faria Batistote (UFMS), em seu artigo “O Nu do Borel: a poética da Resistência na Fotografia de uma Comunidade”, também discorrem sobre novas práticas, experiências e vivências de sujeitos. O artigo consiste em uma análise da fotografia *Beleza interior*, um dos produtos da primeira edição do projeto Favelagrafia (2016), no qual os próprios moradores produziram fotos de sua comunidade. Schneider, à luz da teoria greimasiana e da semiótica plástica de Floch, explora a potência da fotografia, conseguindo evidenciar ainda mais essa visão “de dentro”, que revela ao público externo outras realidades sobre a comunidade, cenas de um cotidiano vivenciado, contribuindo assim para a quebra de estereótipos e o desvelamento de belezas desconhecidas.

Inaugurando a temática seguinte, Literatura, Giovanna Longo (Unesp) também explora elementos sensíveis e passionais. Em seu artigo “A Dinâmica Do Sensível E Os Efeitos Persuasivos Dos Afetos Na Carta “Fedra A Hipólito” (Ovídio, *Heroides*, Iv)”, a autora apoia-se nas contribuições da Semiótica Tensiva para analisar a Carta IV da obra *Heroides*, do poeta Ovídio. Longo conclui que a descrição e interpretação tensiva das Cartas que compõem as *Heroides* ajuda a revelar a expressividade poética da obra, o que pode representar um caminho frutífero para o estabelecimento de parâmetros de leitura e tradução de textos de textos clássicos.

Em “A Tensividade entre o literário e o cultural no Conceito De *Duende* de García Lorca”, Alexandre Siqueira Campos examina, sobretudo com base na gramática tensiva, a noção de *duende* apresentada pelo poeta Federico García Lorca em uma das onze conferências que escreveu, *Juego y Teoría del Duende*. Ao longo da análise, o autor traz importantes contribuições para a compreensão da poética de Lorca, concluindo que *duende* é a “ponte entre o estético e o cultural”.

Na fronteira entre o estudo Literário e a relação entre Semiótica e Ensino, Vinícius Façanha e Carolina Lindenberg Lemos (UFC), em seu artigo “O Processo de Leitura Entre Prática e Gênero” discute, com base na abordagem da Semiótica das Práticas, de Jacques Fontanille, as possíveis flutuações de gênero discursivo relativas ao mesmo texto-enunciado, de acordo com as práticas de leitura empreendidas. Para ilustrar sua proposta, o autor realiza

uma aplicação no livro de Caio Fernando Abreu, *Os dragões não conhecem o paraíso*, o qual pode ser considerado um livro de contos ou um romance, a depender da prática de leitura. O artigo mostra que a expansão para o nível das práticas pode trazer importantes contribuições, além de nova perspectivas para a compreensão da leitura.

A última temática presente no dossiê contém artigos que discorrem sobre as contribuições da Semiótica para o Ensino. No primeiro artigo da seção, “A Leitura Literária no Contexto Escolar: caminhos da Semiótica Discursiva para a Formação de Leitores”, Rejane Torres dos Santos e Ellyzandrea Alves de Sousa (UFNT) tecem reflexões e propõem ações de contribuição da Semiótica Discursiva na formação de leitores críticos. Para isso, desenvolve uma proposta didática de leitura de texto literário em sala de aula a partir do poema *Tecendo a Manhã*, de João Cabral de Melo Neto. Como resultado, surge um modelo didático que possibilita ao estudante sair do lugar de mero receptor de conteúdo e assumir o papel de construtor do sentido, revelando o potencial da semiótica não apenas para a análise de textos literários, mas também para a sua didatização.

Também tendo como preocupação central a formação de leitores, Rute Santos e Dório Macedo dos Santos Neto (UFNT), em seu artigo “Semiótica Discursiva e Formação de Leitores: uma proposta de Leitura e Análise com a canção ‘Inumeráveis’”, apresenta uma proposta didática para o uso da canção em sala de aula, o que é feito a partir da análise da canção *Inumeráveis*, de Chico César e Bráulio Bessa. Para a elaboração de sua proposta, a autora toma como base a teoria greimasiana e as pesquisas de Luiz Tatit sobre a canção, as quais possibilitam tratar de letra e melodia, explorando assim sincretismo e paixões. Os resultados mostram uma proposta didática que reúne aspectos artísticos e crítica social, auxiliando na formação de leitores críticos.

Luiza Helena Oliveira da Silva (UFNT) traz sua contribuição para o ensino no artigo “Espaço e Sentido na Escuta de Vozes do Chão da Escola”. A autora analisa seis dissertações de docentes de diferentes regiões do país, professores de escolas públicas egressos do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS. À luz de categorias da semiótica discursiva, principalmente no que se refere ao espaço, Silva traz em sua análise uma visão “de dentro” da escola, dando voz às percepções e experiências de quem vive cotidianamente aquela realidade. Ao explorar diferentes espaços, como a sala de aula, a escola, a comunidade etc., a autora atinge a percepção desses profissionais que se encontram no “chão da escola”, mostrando

a complexidade dos elementos envolvidos na atuação desses professores e a pertinência da semiótica para a compreensão da relação entre o sujeito e o meio.

Encerrando o dossiê, Ana Cristina Fricke Matte, Daniervelin Renata Marques Pereira e Silvane Aparecida Gomes (UFMG) apresentam no artigo “Uma Proposta de Sistematização de Conceitos Básicos da Semiótica Discursiva: A Árvore de Categorias de Análise Semiótica” um esquema metodológico que vem sendo desenvolvido pelo grupo de pesquisa do qual a pesquisadora faz parte há alguns anos. Partindo do Percurso Gerativo do Sentido proposto por Greimas, incorporando novos desdobramentos teóricos como a tensividade e as paixões, a árvore de categorias de análise semiótica “provê um conjunto de categorias com visualização posicional e relacional compreensiva”. A proposta, já aplicada em um projeto de Iniciação Científica Coletivo e em uma tese de doutorado, vem se consolidando e tem se mostrado bastante produtiva para a aplicação da semiótica discursiva em diferentes textos e linguagens.

O que o conjunto de artigos presentes nesse dossiê nos diz sobre a unidade e diversidade da Semiótica Discursiva atual? E sobre suas transformações? O primeiro aspecto que nos chama a atenção é a forte presença de Greimas na maioria dos trabalhos, garantindo a unidade e o sentido da nossa comunidade, inclusive do GT de Semiótica da ANPOLL. Ao que parece, a escola do mestre lituano continua existindo, não houve migrações para outros colégios. Um segundo elemento que nos chama a atenção é o fato de os semioticistas terem saído da “zona de conforto” e partido seja para objetos seja para abordagens atuais, como o discurso nas redes sociais, os algoritmos, as práticas sociais, o estudo das sensibilidades e paixões, das diferentes vivências, entre outros. Um terceiro aspecto a ser mencionado é a variação de métodos aqui presentes. Enquanto todos faziam uso do Percurso Gerativo do Sentido, pouco se variava nas estruturas dos trabalhos. Agora, diante dessas novas abordagens, cada autor seleciona conceitos tanto de Greimas quanto dos autores de outras abordagens da semiótica, além de possíveis diálogos interdisciplinares, a depender do *corpus*. Há uma ampliação do escopo de conceitos, o que é positivo, embora exija mais do pesquisador, o qual precisa elaborar a seu próprio percurso metodológico.

Ouvimos o tempo todo por aí que o mundo está “fragmentado”. Acreditamos que a Semiótica, como parte do mundo, também se fragmentou, mas também se atualizou, mantendo-se uma teoria de grande capacidade heurística para enfrentar os desafios das novidades que surgem, como as diferentes temáticas, os novos objetos, as novas formas de vida.